

Nem todos choram. Alguns são nomeados

written by Paulo Moreira | 8 de Abril, 2026



Se Boys Don't Cry dos The Cure nos ensinava que os "boys" não choram, a política portuguesa parece ter adaptado o refrão: os boys não choram, são nomeados.

Entretanto os Blur vieram democratizar o conceito com Girls & Boys. E a política acompanhou a tendência, já não são só os boys. Agora há lugar para girls & boys, desde que tragam no currículo aquela experiência essencial em juventudes partidárias como a JSD ou a JS. Formação académica? Opcional. Militância? Fundamental.

O processo é simples e quase coreografado. Primeiro, aprende-

se a arte do aplauso em comícios, depois domina-se o networking em jantares partidários e, por fim, dá-se o salto natural, um gabinete ministerial, com direito a cartão, cargo e ar condicionado. Uma progressão de carreira tão fluida que faria inveja a qualquer multinacional, não fosse financiada pelo erário público.

E quando alguém acha que isto são exageros, a realidade trata de repor a ironia no sítio certo. Ainda recentemente, ficámos a saber que há quem passe diretamente de vender raquetes de padel para um gabinete governamental, num daqueles upgrades profissionais que nem o LinkedIn consegue explicar.

Mas há também histórias mais completas. Percursos que combinam militância partidária, atividades paroquiais e uma vida pessoal ligeiramente caótica, incluindo episódios em que responsabilidades básicas ficam por assumir, enquanto a carreira política segue tranquila rumo a um cargo público.

Tudo isto enquanto se mantém a narrativa oficial, mérito, transparência, processos seletivos. Pelo meio, criou-se a CRESAP, numa tentativa quase ingénuo de transformar o casting político num concurso sério. Durante algum tempo, ainda se acreditou que o talento pudesse competir com o cartão partidário. Spoiler: não compete.

Hoje, o sistema evoluiu. Já não é só *“jobs for the boys”*. É também *“money for the boys”*. Controlam-se nomeações, controlam-se orçamentos, e garante-se que quem regula

depende de quem governa, uma espécie de independência assistida, como quem dá liberdade com trela curta.

No fundo, o Estado transformou-se numa espécie de festival permanente. Os “*boys & girls*” sobem ao palco, vindos das juventudes partidárias, afinam-se pelos interesses do momento e tocam a música que lhes pedem. E o público? Esse continua a ouvir, dividido entre o déjà vu e a resignação.

No fim, talvez a grande diferença entre as músicas e a política seja esta: nos The Cure, os boys não choram. Na política portuguesa, nem precisam.